



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA

DIOGO RODRIGUES SOUZA

O CONHECIMENTO SOBRE FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO DE FERIDAS

CAMPINA GRANDE - PB

2013

DIOGO RODRIGUES SOUZA

O CONHECIMENTO SOBRE FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO DE FERIDAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado para o Departamento de
Farmácia da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Bacharel em Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda

CAMPINA GRANDE - PB
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S729c

Souza, Diogo Rodrigues.

O conhecimento sobre fitoterápicos no tratamento de feridas. [manuscrito] / Diogo Rodrigues Souza. – 2013.
42 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2013.

“Orientação: Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda, Departamento de Farmácia.”

1. Fitoterapia. 2. Plantas medicinais. 3. Feridas. I. Título.

21. ed. CDD 614.44

DIOGO RODRIGUES SOUZA

O CONHECIMENTO SOBRE FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO DE FERIDAS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado para o Departamento de
Farmácia da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB), em cumprimento às
exigências para obtenção do título de
Bacharel em Farmácia.

Aprovado em 18 de junho de 2013.

Thúlio Antunes de Arruda

Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda/UEPB - CCBS/Departamento de farmácia

Orientador

Lindomar de Farias Belém

Prof^º. Dr. Lindomar de Farias Belém/UEPB - CCBS/Departamento de farmácia

Examinador

Ivana Maria Fechine

Prof^ª. Dr. Ivana Maria Fechine/UEPB - CCBS/Departamento de farmácia

Examinador

SOUZA, D. R.; ARRUDA, T. A. **A importância do conhecimento popular sobre fitoterápicos usados para tratar feridas.** TCC Farmácia. Campina Grande, P. 1-38, Jun. 2013.

RESUMO

INTRODUÇÃO Desde o início de sua vida o homem tenta tratar todas as injúrias causadas ao seu corpo e nesse âmbito as plantas conseguiram um lugar de destaque. Sabendo que a flora brasileira propicia uma grande variedade de plantas que podem ser usadas pela população como fitoterápicos, esse trabalho foi desenvolvido com a intenção de verificar o uso popular feito por raizeiros e comparar com o uso descrito na literatura.

METODOLOGIA Este trabalho tratou-se de um estudo quali-quantitativo com ênfase na análise qualitativa dos dados coletados. A pesquisa foi realizada nas feiras livres de plantas medicinais na cidade de Campina Grande - PB. **RESULTADOS E DISCUSSÃO** A maioria da população estudada pertence ao gênero feminino. A maior parte do aprendizado sobre o manejo com plantas medicinais vem dos familiares através das gerações. 18 plantas foram citadas pelos raizeiros, para uso no tratamento de feridas, das quais 5 não foram encontradas com indicações, na literatura consultada, para esse fim. As plantas João Mole, Cumarú, Cáscara Sagrada, Jurema Preta e Juá não possuem indicação na literatura científica consultada para o tratamento de feridas. Dentre as mais citadas estão o Cajueiro Roxo, Barbatimão e Quixabeira. As plantas Babosa e Quina-Quina possuem uso restrito a alguns tipos de feridas. Os comerciantes afirmaram não ter conhecimento sobre efeitos adversos ou sobre os diferentes tipos de feridas. **CONCLUSÃO** A variedade de plantas usadas para o tratamento de feridas é extensa na cidade de Campina Grande - PB. Compreende-se com esse trabalho que o conhecimento popular sobre plantas medicinais para o tratamento de feridas é vasto.

PALAVRAS CHAVES: Feridas, Fitoterapia, Etnofarmacologia.

SOUZA, D. R.; ARRUDA, T. A. **The importance of popular knowledge of herbal medicines used to treat wounds.** TCC Farmácia. Campina Grande, P. 1-38, Jun. 2013.

ABSTRACT

INTRODUCTION Since the beginning of his life man tries to treat all injuries caused to his body and in that scope the plants achieved a highlighted place. Knowing that the Brazilian flora provides a wide variety of plants that can be used by the population as herbal medicines, this paper was developed with the intention of verify the popular use made by healers and compare with the use described in the literature. **METHODOLOGY** This paper was treated in a qualitative and quantitative study with emphasis on qualitative analysis of data collected. The research was conducted in the free markets of medicinal plants in the city of Campina Grande - PB. **RESULTS AND DISCUSSION** The majority of the study population belongs to the female gender. The largest part of knowledge about the medicinal plants handling comes from family through the generations. 18 plants were cited by the healers, for use in treating wounds, from which five were not found with indications, in consulted literature, for this purpose. The plants João Mole, Curamarú, Cáscara Sagrada, Jueram Preta e Juá does not possess indication in consulted scientific literature for wounds treatment. Between the most quoted are Cajueiro Roxo, Barbatimão and Quixabeira. The Barbosa and Quina-Quina plants has restricted use to some kinds of wounds. Merchants affirmed to does not have knowledge about adverse effects or about the different types of wounds. **CONCLUSION** The variety of plants used for the wounds treatment is extensive in the city of Campina Grande - PB. It is understood from this paper that the popular knowledge about medicinal plants for wounds treatment is huge.

KEYWORDS: Wounds, Phytotherapy, Ethnopharmacology.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	10
FIGURA 2	11
FIGURA 3	12

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	8
2.1 TIPO DE ESTUDO	8
2.2 LOCAL DA PESQUISA	8
2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	8
2.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS SUJEITOS	8
2.5 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	9
2.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	9
2.7 ASPECTOS BIOÉTICOS DA PESQUISA	9
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	10
3.1 RESULTADOS SÓCIO-CULTURAIS	10
3.2 RESULTADOS DO ETNOESTUDO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS ...	12
3.2.1 Ameixeira	13
3.2.2 Aroeira	14
3.2.3 Babosa	15
3.2.4 Barbatimão	16
3.2.5 Cajueiro Roxo	16
3.2.6 Cáscara Sagrada	17
3.2.7 Confrei	17
3.2.8 Copaíba	18
3.2.9 Cumarú	19
3.2.10 Favela	20
3.2.11 Ipê Roxo	20
3.2.12 João Mole	21
3.2.13 Juá	21
3.2.14 Jucá	22
3.2.15 Jurema Preta	23
3.2.16 Quina-Quina	23
3.2.17 Quixabeira	24
3.2.18 Romã	24
4 CONCLUSÃO	26
SUGESTÕES	27
REFERÊNCIAS	28
ANEXOS	32

1 INTRODUÇÃO

Uma sequência de eventos biológicos, complexos e dinâmicos, inicia-se após um ferimento, e promovem o reparo da lesão que caracterizam a cicatrização. Esta cicatrização, segundo alguns autores, é formada por três fases evolutivas sobrepostas: fase inicial ou inflamatória, fase proliferativa ou de fibroplasia, e fase de remodelação ou maturação. Outros autores classificam de uma forma mais completa dividindo o processo em cinco fases principais: coagulação, inflamação, proliferação, contração da ferida e remodelação (MANDELBAUM et al., 2003; OLIEIRA et al., 2011).

Desde os primórdios, o homem tenta interferir nesse processo, procurando diminuir o seu período e buscando melhores resultados, sejam esses funcionais ou estéticos. Neste processo evolutivo as plantas obtiveram um lugar de destaque, mais precisamente, a partir da observação do comportamento dos animais na cura de suas feridas e doenças, os homens descobriram as propriedades curativas das plantas.

A fitoterapia é a terapêutica caracterizada pelo uso de plantas medicinais, além da comprovação da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo, sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações (TOMAZZONI et al, 2006).

As plantas medicinais possuem princípios ativos os quais são produzidos durante o seu metabolismo, que lhes conferem ação terapêutica. Esta prática evoluiu ao longo dos anos desde as formas mais simples de tratamento local, até as formas tecnologicamente mais sofisticadas de fabricação industrial (LORENZI; MATOS, 2002).

São consideradas plantas medicinais, aquelas que são capazes de aliviar ou curar enfermidades e têm tradição de uso como remédio em uma população ou comunidade. Para usá-las, é preciso conhecer a planta e saber onde colher e como prepará-la, e esse conhecimento muitas vezes vem dos comerciantes informais de plantas, também conhecidos como raizeiros, tratando-se, portanto, de um conhecimento popular (MACIEL et al., 2002).

Na atualidade, as novas tendências globais de preocupação com a biodiversidade, as ideias de desenvolvimento sustentável, conseqüentemente a propagação de uma cultura baseada no consumo de produtos naturais têm favorecido a difusão de propostas de cura por meio das plantas medicinais.

No Brasil a recorrência a medicamentos fitoterápicos sempre foi marcante por parte da população, por algumas razões, dentre elas, a tradição cultural e por ser uma alternativa econômica viável. A flora brasileira atrai a atenção de pesquisadores do mundo inteiro por

possuir uma vasta quantidade de espécies vegetais com viabilidade potencial terapêutica (SANTOS; LIMA, 2008). Na atualidade, as novas tendências globais de preocupação com a biodiversidade, as idéias de desenvolvimento sustentável e as novas perspectivas propostas pelo governo brasileiro, trouxeram novos ares ao estudo das plantas medicinais brasileiras. Antigas linhas de pesquisa foram fortalecidas e novas foram estabelecidas dentro das universidades, buscando bases mais sólidas para a validação científica do uso de plantas medicinais. A prospecção de produtos naturais com potencial fitoterápico acabou retroalimentando a pesquisa botânica no Brasil. Como já ocorrera no passado, a fitoterapia e a botânica voltaram a ser vistas como aliadas, cooperando para a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros (LORENZI; MATOS, 2002).

Diante do cenário atual, anteriormente descrito, o governo vem tomando medidas para o incentivo de pesquisas com plantas medicinais, desde seu cultivo, até o desenvolvimento de novos fitoterápicos. Assim, a política pública brasileira, desde 2005 está mudando sua atuação frente a cadeia de produção e uso de plantas medicinais com a publicação da Portaria 971 (Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde) e do Decreto 5.813 (Aprova a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e dá outras providências) que incentivam o uso de plantas medicinais e fitoterápicos pelos usuários do SUS (BRASIL, 2006a; BRASIL, 2006b).

Acompanhando esse processo histórico da prática do uso dos fitoterápicos, o raizeiro se apresenta como agente possuidor de uma cultura tradicional, mais precisamente há uma revalorização do conhecimento desses agentes sobre a indicação, preparo e comercialização das plantas medicinais, conforme Tresvenzol et al. (2006) ressalta em sua pesquisa, essa comercialização, geralmente, é realizada em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais.

Em Campina Grande, localizada no interior do estado da Paraíba, no agreste paraibano, tradicionalmente as feiras livres ocuparam um importante papel no cenário geo-econômico na referida cidade, diante da sua posição geográfica integrando diversos municípios do agreste e sertão (CARDOSO, MAIA, 2012).

Nas feiras livres da cidade de Campina Grande, ainda, é possível encontrar a figura do raizeiro exercendo tradicionalmente o papel que sempre lhe consagrou: indicando, orientando no preparo e comercializando uma diversidade de plantas medicinais.

Diversas pesquisas sobre a utilização de plantas em tratamentos terapêuticos têm sido realizadas. Tendo em vista o custo benefício do tratamento, a fitoterapia torna-se uma opção alternativa de tratamento que vem sendo cada vez mais requisitada na rede básica de saúde e

também cada vez mais utilizada por indicação popular conseguida através de mercado informal. Mais será que esse uso por indicação popular é feito de forma correta, especialmente aquelas plantas com propriedades medicinais no tratamento de feridas indicada por parte dos raizeiros comercializadores?

Atualmente, nas regiões mais carentes do Brasil, e até mesmo nos grandes centros, plantas medicinais são comercializadas em feiras livres, mercados populares e encontradas em quintais residenciais (AGRA et al., 2008; MARLIÉRE et al., 2008; VEIGA-JUNIOR, 2008; JESUS et al., 2009; LEITÃO et al., 2009; SANTOS et al., 2009). As observações populares sobre o uso de plantas medicinais contribuem de forma relevante para a sugestão de efeitos medicinais e a utilização desses conceitos para estudos farmacológicos e químicos (MACIEL et al., 2002; SOUSA et al., 2008).

Este trabalho teve como objetivo analisar o uso popular de plantas indicadas pelos raizeiros das feiras populares em Campina Grande - PB com relação ao seu uso para o tratamento de feridas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 TIPO DE ESTUDO

A presente pesquisa quanto a abordagem analítica, classifica-se como sendo um estudo quali-quantitativo com predominância qualitativa no processo de análise das informações coletadas. Quanto aos objetivos propostos trata-se de um estudo descritivo cuja finalidade foi descrever os posicionamentos dos vendedores de plantas medicinais quanto ao tratamento de feridas. No que se refere ao tipo de estudo, classifica-se como de campo, lançando mão de um questionário como instrumento de coleta de dados.

2.2 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada nas feiras livres de plantas medicinais na cidade de Campina Grande, pertencente ao estado da Paraíba, região Nordeste do Brasil. A coleta de dados foi realizada entre novembro de 2012 e janeiro de 2013.

2.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram abordados no início da pesquisa aproximadamente 20 vendedores de plantas medicinais atuando nas feiras livres da cidade de Campina Grande. A amostra foi do tipo não probabilística por acessibilidade, ou seja, composta por todos os vendedores de plantas medicinais encontrados e com atuação na zona urbana de Campina Grande-PB.

2.4 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS SUJEITOS

Os critérios de inclusão estabelecidos para selecionar os participantes foram: ser vendedor de plantas medicinais - as quais sejam indicadas para o tratamento de feridas - nas feiras livres, e desejar participar voluntariamente da pesquisa. Foram excluídos aqueles participantes que não se enquadraram nos critérios estabelecidos acima.

2.5 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta foi um questionário contendo questões subjetivas e objetivas sobre os dados sócio demográficos, origem do conhecimento sobre fitoterapia, tempo de atuação como herbolário, procedência das ervas e o respectivo fitoterápico indicado para tratamento, efeitos indesejados destes e critérios de comercialização. A abordagem dos feirantes ocorreu nas feiras, de modo que o pesquisador era quem fazia as perguntas.

2.7 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Quando da análise, os dados sócio-demográficos foram tratados através da estatística simples (frequência, médias e outras). Os dados pertinentes ao conhecimento dos herbolários sobre as doenças e o respectivo tratamento fitoterápico foram padronizados e dispostos em quadros demonstrativos. Os demais dados foram padronizados e categorizados tematicamente.

2.8 ASPECTOS BIOÉTICOS DA PESQUISA

Este projeto seguiu as normas estabelecidas pela resolução 196/96 onde o Conselho Nacional de Saúde, no uso da competência que lhe é outorgada pelo Decreto nº 93933 de 14 de janeiro de 1987, aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

O trabalho está registrado na plataforma Brasil sob a CAAE nº 02058612.9.0000.5175, com parecer favorável para sua realização após análise do colegiado do Comitê de Ética e Pesquisa com o parecer número 117.980.

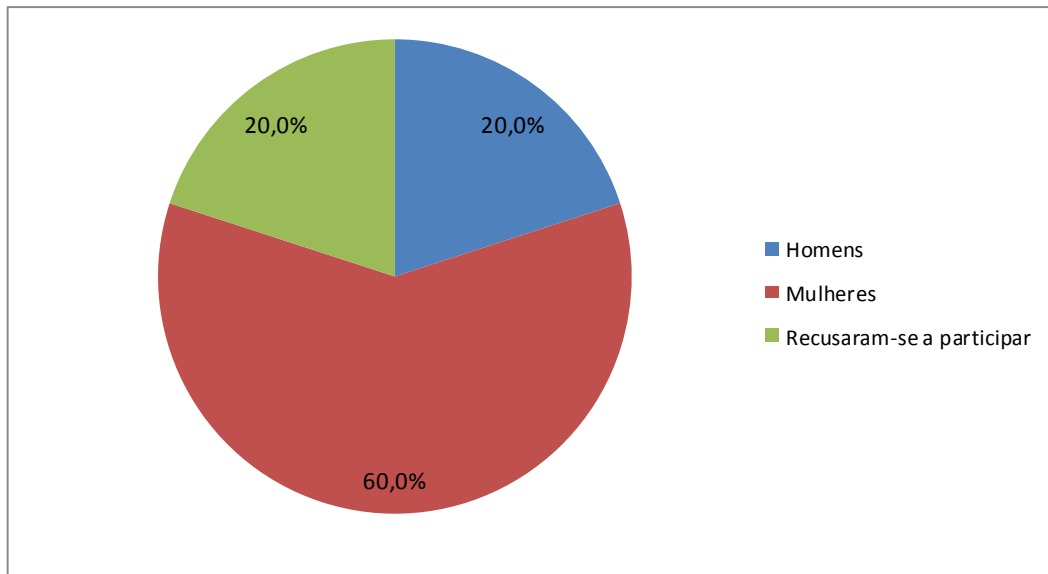
Vale ressaltar aqui que esta pesquisa é um recorte de um trabalho maior intitulado: Tratamento de feridas: conhecimento popular versus conhecimento científico, apresentado como TCC do curso de especialização em Enfermagem Dermatológica. Este recorte teve a Co-orientação do professor Dr. Thúlio Antunes de Arruda para ser apresentado como TCC do curso de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 RESULTADOS SOCIOCULTURAIS

A abordagem dos indivíduos ocorreu mediante a saturação, ou seja, aqueles raizeiros que foram abordados e se dispuseram a participar da pesquisa. Foram abordados 20 raizeiros dos quais 4 se recusaram a participar da pesquisa. Os comerciantes foram abordados nos bairros da Liberdade, Bodocongó, Centro (feira central, arca titã e arca cathedral), e Malvinas na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba. Dos entrevistados 12 eram do sexo feminino e apenas 4 do sexo masculino (Figura 1).

Figura 1 - Número de Raizeiros.



Fonte: Próprio autor (2013).

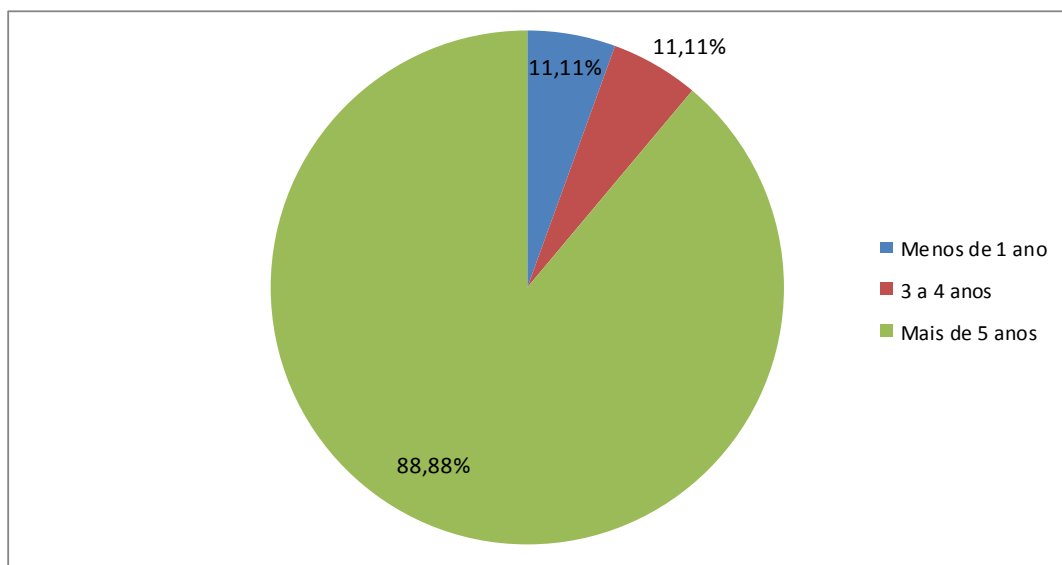
Como podemos observar no Gráfico 1, as mulheres estão mais inseridas no trabalho com plantas medicinais que os homens, de acordo com Ceolin et al. (2011), este dado pode ser explicado pelo fato histórico da mulher ter de cuidar da família levando-a ao aprendizado da medicina popular e a utilização de plantas medicinais. Como do conhecimento adquirido com seus antepassados, pela tradição oral de maneiras de cuidar e preservar a saúde.

Curiosamente, este dado contradiz os dados encontrados na pesquisa de Dantas e Guimarães (2006) que mostram o gênero masculino mais atuante nesta área. Essa contradição demonstra que o número de profissionais de cada gênero trabalhando nessa área é flutuante e que merece maior atenção e estudo para entender o porquê dessa flutuação.

Dos entrevistados, 25% moram na zona rural e 75% moram na zona urbana. Onde, apenas 18,75% cultivavam algumas das ervas que comercializavam comprando as outras, de vendedores de outras regiões, para revenda. Os raizeiros que ainda cultivam parte das plantas que comercializam fazem parte dos que relataram morar na zona rural.

Segundo os raizeiros entrevistados, o tempo exercido com o comércio de plantas medicinais variou de oito meses até 25 anos de experiência na área (Figura 2), sendo que mais de 88% dos entrevistados trabalham nesse ramo num tempo superior de cinco anos.

Figura 2 - Tempo de Experiência com plantas



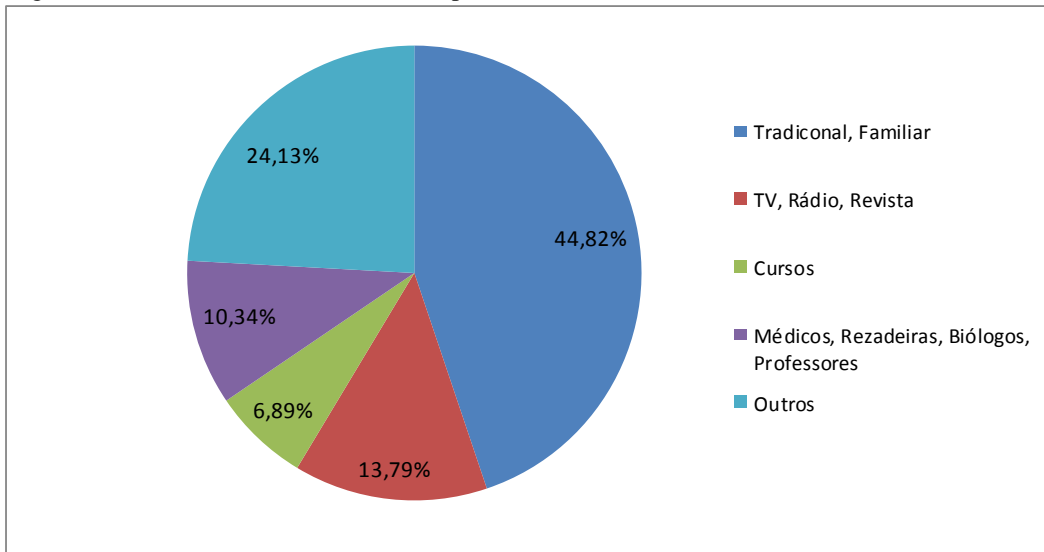
Fonte: Próprio autor (2013).

Ainda, segundo os comerciantes de plantas medicinais, o conhecimento sobre os benefícios com o tratamento das plantas, provém de fontes variadas (Figura 3), indicando uma heterogeneidade na aquisição do saber, sem que nenhum dos entrevistados tenha participado de cursos ou oficinas sobre o tema. Percebe-se também a informalidade com que a informação sobre plantas medicinais e suas indicações ocorre, mas na indicação, o raizeiro acredita estar com informações fidedignas, podendo gerar sérios riscos a saúde de quem faz uso dessas plantas.

Conforme análise descritiva, a principal influência sobre o aprendizado das ervas medicinais provem da família, onde tal conhecimento foi transmitido através das gerações de mãe para filho e assim sucessivamente (Figura 3).

Outros meios de aprendizados citados pelos entrevistados estavam relacionados a sua experiência de vida na zona rural, pesquisas em trabalhos e livros, auxílio da internet e aquisição de conhecimentos através de amigos e outros vendedores.

Figura 3 - Referências de conhecimentos para os raizeiros



Fonte: Próprio autor (2013).

É importante destacar que alguns dos entrevistados citaram mais de uma fonte de aprendizado, o que demonstra a busca de mais conhecimentos a cerca das plantas medicinais. O desejo em aprender pode ser uma ferramenta útil para os gestores da saúde, inserindo esse profissional em cursos de capacitação continuada e fazendo um cadastro efetivo, na tentativa de minimizar risco a população.

3.2 RESULTADOS DO ETNOESTUDO SOBRE PLANTAS MEDICINAIS

As plantas citadas pelos raizeiros entrevistados totalizaram em 18 utilizadas para o tratamento de feridas, sendo mencionadas aquelas encontradas no quadro abaixo.

QUADRO 1 - Plantas medicinais citadas pelos raizeiros, com informações pertinentes quanto a parte utilizada e recomendação da literatura.

PLANTAS CITADAS	PARTES UTILIZADAS	PARTES CITADAS NA LITERATURA	NÚMERO DE RAIZEIROS QUE INDICARAM SEU USO (%)	UTILIZAÇÃO CONFIRMADA NA LITERATURA CONSULTADA
Ameixeira	Casca e Entre casca	Casca e óleo	37,50	SIM
Aroeira	Casca e Entre casca	Casca, entre casca e resina	43,75	SIM

Babosa	Casca e Folha	Folha	31,25	SIM
Barbatimão	Pó, Casca e Entrecasca	Folhas e cascas	81,25	SIM
Cajueiro Roxo	Raiz e Casca	Entre casca	87,50	SIM
Cascara Sagrada	Entre casca	Casca e entre casca	6,25	NÃO
Confrei	Folha	Raizes e folhas	6,25	SIM
Copaíba	Óleo	Óleo essencial e resina do caule	6,25	SIM
Cumarú	Casca	Casca e semente	6,25	NÃO
Favela	Raiz, Pó e Casca	Casca	25	SIM
Ipê Roxo	Entre casca	Casca	6,25	SIM
João Mole	Pó e Casca	Casca	6,25	NÃO
Juá	Casca	Casca, fruto e folhas	6,25	NÃO
Jucá	Casca	Casca, as raízes, a folha e o fruto	6,25	SIM
Jurema Preta	Entre casca	Casca	6,25	NÃO
Quina-Quina	Casca	Folha e casca do caule	6,25	SIM
Quixabeira	Raiz e Casca	Cascas do caule	50	SIM
Romã	Casca, Semente	Raiz, casca, folhas, arilo da semente, polpa e casca das romãs	25	SIM

Fonte: Próprio autor (2013).

A planta mais indicada pelos raizeiros para o tratamento de feridas foi o cajueiro roxo com indicação de 87,50% dos comerciantes entrevistados. A segunda planta mais citada foi o Barbatimão com 81,25% de indicações e a terceira foi a Quixaba com 50% de indicações.

A seguir temos a descrição das plantas indicadas pelos entrevistados, onde a classificação taxonômica esta conforme o sistema “Angiosperm Phylogeny Group III” (APGIII 2009).

3.2.1 Ameixeira - *Ximenia americana* L (Família OLACACEAE)

A ameixeira foi indicada pelos raizeiros como anti-inflamatória no tratamento de feridas. Além do tratamento das feridas foi indicada para gastrite, problemas renais e gripe. Para o tratamento de feridas é indicada na forma de chá e para lavagem do ferimento. A parte utilizada é a casca e a entrecasca.

A ameixeira possui nas suas sementes encontram-se óleo glicosídeo cianogenético e benzaldeído (MATOS, 1987). A casca apresenta alcalóides, taninos pirogálico, fenóis, flavonóides, flavona, flavonóis, xantona, albumina, antocianina, antocianidina, chalcona, aurona, saponina, resina, amido e glicose (DANTAS, 2002; FONSECA, 2004).

Possui ação adstringente, cicatrizante, antiinflamatório, antibiótico, emenagogo, diurético, depurativo, anestésico, antitumoral, inseticida, narcótico, espasmolítico, pesticida, antidermatótico, antidisentérico, antientérico, antigingivítico, anti-hemorroidal, antihipocondríaco, antifaringítico, anti-séptico, antiviral, bactericida, emético, hemostático e pesticida (FONSECA, 2004).

Sua indicação é feitas nos casos de menstruações excessivas e prolongadas, úlceras, feridas internas e externas, menorragia, perturbações gástricas e pênfigo foliáceo conhecido como fogo selvagem. Suas folhas e frutos possuem propriedades laxantes (FONSECA, 2004).

Seu uso se dá na forma de decocto, macerado com água, como garrafada e tintura. As partes da planta utilizada são a casca e o seu óleo (DANTAS, 2007).

Quando ingerida em altas doses pode provocar náuseas, vômitos, dores abdominais, diarreia, dificuldade de respirar, fraqueza muscular, vertigem, entorpecimento, convulsões e morte. A utilização é contra-indicada em grávidas (MATOS, 1987).

3.2.2 Aroeira - *Myracrodruon urundeuva* Fr. Allemão (Família ANACARDIACEAE)

Essa planta foi indicada para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatória, cicatrizante e anti-infecciosa. Também foi indicada para os tratamentos de gastrite, problemas pulmonares e para verminoses.

O preparo recomendado para o uso da aroeira foi na forma de chá, tintura para lavagem do ferimento e na forma de pó. A parte da planta utilizada é a casca e a entrecasca.

A aroeira possui como princípios ativos o tanino catéquico e pirogálico, substâncias fenólicas, urundevina A, urundelvina B, chalconas, flavonóides e óleo essencial (alfa-pineno, gama-terpineno e beta cariofileno) (BANDEIRA et al. 2000; LORENZI; MATOS, 2002).

A planta possui ação balsâmica, hemostática, anti-séptica, antiinflamatória, cicatrizante, analgésica, antidiarréica, antiúlcera, anti-histamínica, hipoglicemiante, antidispéptico, antialérgico, antibradicinina, antibacteriana, antiulcerogênica, anti-histérica e adstringente (BANDEIRA et al. 2000; BALBACH, s/d).

É indicada para patologias de vias respiratórias, hemoptises, gengivites, faringite, laringite, infecção do aparelho urinário, inflamação ovariana, metrorragias, ferimentos, úlceras e combate o *Staphylococcus aureus*. Também pode ser usada nos caso de gota,

reumatismo, diarreia, úlceras atônicas, gastrite, úlcera gástrica, hemorróidas e banhos de assento após o parto (ALMEIDA, 1993; LORENZI; MATOS, 2002).

Seu uso se dá na forma de tintura, macerado com água, decocto ou chá, para banho, para gargarejos, bochechos, lavagem, compressas e como vinho. As partes utilizáveis da planta são a casca, entrecasca e a sua resina. Mulheres grávidas devem evitar o uso dessa planta (DANTAS, 2007).

3.2.3 Babosa - *Aloe vera* L (Família ASPHODELACEAE)

A babosa foi indicada para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatória, cicatrizante, anti-infecciosa e analgésica. Foi indicada também para gastrite.

É indicada na forma de chá, para lavagem do ferimento e como macerado. As partes da planta utilizadas são a casca e a folha.

A babosa é rica em princípios ativos (205 princípios ativos identificados) com filamentos de muco-polissacarídeos em quantidade adequada para benefício da saúde. Entre os principais princípios ativos podemos citar Glicosídeo antraquinônico (aloina, emodina, aloinose); ác. Orgânicos, crisofanico); mucilagens e taninos (PORTALOE, 2009).

A planta possui ação purgativa, laxativa, depurativa, anti-hemorroidal, hepático, anti-inflamatório em tumores, estomacal, vulnerário, tônico, aperitivo, cicatrizante, anti-séptico, antivirótico, colagogo, colerético, antifebril, emenagogo, oxiótico, anticancerígeno, vermífugo, cosmético, emoliente, catártico, vulnerária, antifúngica, antibacteriano, repelente e anti-helmíntico (DINIZ, 1998).

O suco da folha é usado sobre inflamações, queimaduras, insolações, eczemas, erisipelas, psoríases, panarícios, acne, pé de atleta, sarampo, rubéola, varicela, estrias, golpes, queda de cabelo, repelente de mosquitos, amadurecimento de furúnculos e internamente como vermífugo atuando sobre oxiúro (DINIZ, 1998).

Deve ser usado na forma de pó, infusão, extrato seco, alcoolatura, cataplasma e pasta da folha seca. A parte da planta a ser utilizada é a folha (DANTAS, 2007).

O uso oral da babosa é contra indicado para gestantes, pois pode provocar aborto. Em casos de afecções renais, urinárias, nefrites, hemorróidas sanguinolentas, menstruação abundante, prostatite, cistite, enterocolite, colites, disenterias e apendicites o seu uso pode ser fatal. Possuem ainda o composto antraquinônico que quando ingeridos em altas doses são altamente tóxicos (DINIZ, 1998; LORENZI; MATOS, 2002).

3.2.4 Barbatimão - *Stryphnodendron barbatiman* Mart. (Família FABACEAE)

Durante as entrevistas, os raizeiros indicaram o Barbatimão para o tratamento de feridas dizendo que a planta possui efeitos cicatrizantes, anti-inflamatório, anti-infeccioso e como analgésico no tratamento da dor. Também indicaram o barbatimão para os seguintes tratamentos além das feridas: tratamento de gastrite, problemas renais, para tratamento de alergias, para câncer e para verminose.

Os raizeiros indicaram o uso da planta como chá, tintura, para lavagem e como garrafada. E recomendaram o uso da casca e entrecasca para as preparações já citadas ou como pó triturado para usar por cima do ferimento.

De acordo com a literatura, o barbatimão possui como princípios ativos tanino, alcalóide, óleo essencial, mucilagem, flavonóides, esteróides e corantes vermelhos (ALMEIDA, 1993; ERVA, 1999). Essa planta possui ação hemostática, tônica, adstringente, cicatrizante, bactericida, emética, depurativa, oftálmica, diurética, antidiarréica, antidisentérico, antienterítico, antigingivítio, antileucorréica, antidermatótico, anti-hemorroidal, anti-herpético, antifaringítico, antiséptico, antiviral, pesticida, preventivo do câncer e demulcente. Sua indicação deve ser feita nos casos de hemoptises, hemorragias uterinas, catarros vaginais, uretrais e gonorréia, afecções da garganta e boca, úlceras, feridas, diarreia, hemorróidas, leucorréia, combate escorbuto, conjuntivite, hérnia e impinges (ALMEIDA, 1993).

Segundo Dantas (2007), o uso adequado se dá na forma de infusão das folhas e decocto da casca, na forma de garrafada, como macerado e para lavatório e irrigação vaginal. As partes da planta a serem usadas devem ser as folhas e a casca.

3.2.5 Cajueiro Roxo - *Anacardium occidentale* L (Família ANACARDIACEAE)

O cajueiro roxo foi indicado para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatório, cicatrizante, anti-infeccioso e analgésico. Também foi indicado para o tratamento de gastrite, câncer, diabetes e no tratamento de verminose.

O modo de preparo para a utilização do cajueiro roxo foi feito na forma de chá, tintura, lavagem, xarope e na forma de garrafada. As partes da planta indicadas pelos comerciantes para o uso foram a raiz e a casca.

O Cajueiro Roxo, possui como princípios ativos na casca tanino, resina (acajucica), matéria corante, α -caroteno, β -caroteno, ácido fenólico, terpeno, (α -pineno), flavonóides (l-epicartequina), resina (acajucica), saponina e saponina. A casca possui ação cicatrizante, antiinflamatória, antiglicemiante, bactericida, antimicrobiana, hemostática, antiescorbútica,

antiumoral, expectorante e analgésica e seu uso é indicado nos casos de diabetes, tosses, bronquites, escorbuto, eczemas, pancadas, inflamação da garganta, úlceras, frieiras, diarreias e feridas. A parte da planta utilizada deve ser a entrecasca (CORRÊA et al., 1998; DINIZ, 1998).

Dantas (2007) sugere que esta planta deve ser usada como água ou macerado da entrecasca, decocto, extrato fluido, tintura, elixir, vinho e xarope.

A castanha possui cardol que é uma substância tóxica, corrosiva e irritante que pode queimar pele e mucosas (DINIZ, 1998). O óleo pode irritar a pele e o vapor do óleo pode irritar as mucosas se inalado (DANTAS, 2007).

3.2.6 Cáscara Sagrada - *Rhamnus purshianus* DC (Família RAMNACEAE)

A cáscara sagrada foi indicada pelos raizeiros para o tratamento de feridas cutâneas e também para o tratamento de gastrite e problemas pulmonares. Seu uso foi indicado em forma de chá e a parte da planta indicada foi a entrecasca.

A cáscara sagrada tem como principais constituintes ativos aldemadina-ranol, aloemodina, aloínas, barbaloinas, cascarosídeos A, B, C e D, emodina e heterosídeos antraquinônicos (MELLO et al., 2009).

Esta planta é utilizada no mundo todo como laxante, seu uso contra a constipação intestinal também é muito famoso. Entre seus usos fitoterápicos podemos destacar ainda o uso contra a constipação crônica, discinesia biliar, colecistite crônica, litíase biliar e meteorismo.

É utilizada na forma de chá ou infusão e as partes da planta utilizadas são a casca e a entrecasca (CÁSCARA SAGRADA, 2011).

Entre os efeitos adversos destacam-se cólicas abdominais, distúrbios eletrolíticos com perda de K, colestase hepática e hipertensão portal. No uso prolongado de antraquinonas há o registro do aparecimento de diarreia, vômito, dependência, adenoma coloretal e câncer (MELLO et al., 2009).

3.2.7 Confrei - *Symphytum officinale* L. (família BORAGINACEAE)

O confrei foi indicado pelos raizeiros para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatório e analgésico. Além do tratamento de feridas foi indicada também para gastrite. Para o tratamento de feridas seu uso indicado é na forma de lavagem e a parte utilizada é a folha.

Esta planta possui como princípios ativos o pirogalol, glicosídeo, asparragnina, resina, amido, isobaunerol, mucilagem, fitosteróis, óleo essencial, colina, alantoína, alontoína,

asparagina, sinfito-simoglosina, arginina, metionina, lisina, histidina, tirosina, leucina, triptofano, cistina, saponina, serina, caroteno, ácidos orgânicos dentre muitos outros (TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998; MATOS, 1998; SANGUINETTI, 1989).

O confrei possui ação diurética, cicatrizante, cosmética, antipsoríase, emoliente, antiinflamatório, antimicrobiana, anti-hipertensiva, anti-séptica, hemostática, adstringente, cicatrizante de feridas, anticancerígena, expectorante, antiasmática, antireumática, vulnerário, hidratante, analgésica, calmante e epiteliógeno (SANGUINETTI, 1989; TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998; LORENZI; MATOS, 2002).

Seu uso é indicado para favorecer o crescimento de tecidos novos em ulcerações, feridas, cortes, fraturas, afecções e fraturas ósseas (age como indutor de produção de cálcio), reumatismo, artrite reumática, tromboflebitas, infecções, bactericida, hemorróidas, varizes, queimaduras, urticária, celulite, herpes, eczema, erisipela, erupções de pele, internamente usado em bronquite e problemas pulmonares, disenteria, úlceras estomacais e problemas no trato gastrointestinal e como anticancerígeno (SANGUINETTI, 1989; TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998; LORENZI; MATOS, 2002).

Esta planta deve ser usada como tintura, infusão, cataplasma, decocto e em psoríase deve-se usar o seu suco fresco, para uso externo (TESKE; TRENTINI, 1995; MARTINS et al., 2003; DANTAS, 2007). As partes da planta que devem ser utilizadas para tratamentos são as raízes e as folhas (DANTAS, 2007).

Deve-se ter precaução ao usar essa planta, pois seu uso de forma prolongada pode levar a formação de tumores e degeneração no fígado, cirrose, tonturas, vômitos, urticária e agravamento dos males nervosos com paralisia (SANGUINETTI, 1989; ALONSO, 1998).

3.2.8 Copaíba - *Copaifera cearensis* Hub. (família FABACEAE)

A copaíba foi indicada pelos raizeiros por ser anti-inflamatória e anti-infecciosa. E o recomendado foi o uso de seu óleo para ser usado sobre a ferida.

A Copaíba possui como princípios ativos resina, ácido copaíbico, ácido eperuico, ácido cativico, ácido copaílico, ácido covalenico, ácido cloroquínico, ácido copaiferólico dentre outros ácidos. Possui também ésteres, resinóides, óleos essenciais (terpeno, beta-cariofileno, alfa-humileno, beta-bisboleno, sesquiterpenos dentre outros) (ALMEIDA, 1993; CORRÊA et al., 1998; PINTO et al., 2005).

A planta possui efeitos cicatrizantes, anti-bacteriano, anticancer, desinfectante, antifúngico, analgésico, emoliente, carminativo, diurético, laxativo, estimulante de apetite,

tônico, antiinflamatório, antiblenorrágico, antissifílico, aperiente, antiácido e anti-séptico (ALMEIDA, 1993; TESKE; TRENTINI, 1995).

Seu uso é indicado para restabelecer as funções de membranas mucosas com a modificação da secreção mucosa acelerando a cicatrização; é anti-séptica agindo sobre as vias respiratórias e urinárias. Usada também em tratamentos de feridas, sífilis, hemoptise, previne o tétano no umbigo de recém nascido e usada também em dermatoses como nos casos de psoríase, sífilis, úlceras. Usada em edema, dores musculares, reumatismo, problemas pulmonares, sinusite, tosse, bronquite, catarro, câncer de estômago, disenteria, leucorréia, inflamação dos rins e tumor na próstata (MARTINS, 1989; TESKE; TRENTINI, 1995).

Segundo Dantas (2007), seu uso deve ser feito na forma na forma de óleo essencial para administração oral ou na forma de resina extraída do caule para fricção em cima da pele em áreas afetadas.

O contato com os olhos e mucosas pode ser irritante, e em casos de doses elevadas (maiores que 5ml) podem causar náuseas, vômitos, febre e erupções cutâneas (DANTAS, 2007).

3.2.9 Cumarú - *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. Smith (Família FABACEAE)

O cumaru foi indicado pelos raizeiros por ser cicatrizante. Seu uso é indicado na forma de chá e a parte da planta utilizada é a casca.

A espécie *A. cearenses*, ou popularmente conhecida como cumarú, possui como princípios ativos a Cumarina, 3,4-dimetoxicinamato de metila, isocampgerídio, flavonóides, dicumarol, 8-O-metilretusina, 2,4-metillenocicloartenol, beta-sistoterol, bergapteno, psoraleno e derivados furocumarínicos, esculozideo e ácidos (vanílico, esteárico, palmítico, oléico e linoléico) (DINIZ, 1998; LORENZI; MATOS, 2001).

A planta possui ação expectorante, emenagoga, antiinflamatória, broncodilatador, anti-reumática, aromatizante, antiespasmódica e analgésica (TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998). Além da indicação nos casos de defluxo, sinusite, coriza, tosse, bronquite, afecções pulmonares, dores reumáticas, inflamação da garganta, asma, vitiligo, edema, perturbações digestivas, dor de barriga, cólicas intestinas e cólicas uterinas (TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998).

Dantas (2007) recomenda o seu uso na forma de decocto, lambedor, xarope, tintura e como extrato fluido e afirma que as partes da planta a serem utilizadas são a casca e a semente.

3.2.10 Favela - *Cnidoscylus phyllacanthus* (Mart.) Pax. & Hoff. (Família EUPHORBIACEAE)

A favela foi indicada pelos raizeiros como anti-inflamatório, cicatrizante e anti-infecciosa. Como modo de preparo para tratamento indicaram na forma de chá e como pó triturado. E as partes da planta indicadas para as preparações foram a raiz e a casca.

A favela possui na casca, alcalóide, albumina, fenóis, flavonóides, flavonas, flavonóis, xantonas e saponinas como princípios ativos. Possui ação anti-reumática, anti-hemorrágico, anti-inflamatório, antimicrobiano, expectorante, homeostática e cicatrizante (RIZZINI E MORS, 1976).

Sua indicação se dá nos casos de pancada, contusão, ferida, úlcera, chaga, dermatose, verrugas, limpeza do útero, inflamação ovariana, e em dor de dente (LORENZI; MATOS, 2002). Seu uso está restrito à forma de decocto e macerado e a parte da planta a ser utilizada é a casca (DANTAS, 2007).

Os pêlos são irritantes produzindo inflamação e urticária (HOEHNE, 1978). Os princípios ativos metil-ester-favelina, favelina e favelona possuem atividades citotóxicas (AGRA, 1996).

3.2.11 Ipê Roxo - *Tabebuia avellanedae* Lor. Ex. Griseb. (Família BIGNONIACEAE)

O ipê roxo foi indicado pelos raizeiros para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatório. Seu uso é indicado na forma de chá e a parte utilizada da planta é a entrecasca.

O Ipê Roxo, possui como princípios ativos lapachol, alpha e beta lapachol, alfa e beta lapachona, l-menaquinona, ácido anísico, tabebuína, tectoquina, cloro-hidrolapachol, xilodoína, ácido lapahóico, ácido lapáico, carnosol, carobina, carobisa, carobinase, ácido carobom, rutinósido, coenzima Q, derivados indólicos, vainilina, ácido vailinico, antraquinonas, tecomina, kigelionas, quercetina, resina, tanino, silício, cálcio, ferro, mucilagem, molibdênio, manganês, magnésio, cobalto, sais alcalinos, saponina, cumarinas e flavonóides (TESKE; TRENTINI, 1995; CORRÊA et al, 1998; PANIZZA, 1997; ALONSO, 1998).

A planta possui ação anti-séptica, antidiabética, anti-inflamatória, antimicrobiana, anti-bacteriana, adstringente, analgésico, antineoplásia, antimutagênica, antiumoral, cardiotônica, cicatrizante, antifúngica, anticancerígena, antialérgico, diurético, depurativa, hemostática, antiblenorrágico, anticoagulante e descongestionante (SANGUINETTI, 1989; TESKE; TRENTINI, 1995; ALMEIDA, 1993, DINIZ, 1998).

A utilização do Ipê Roxo é indicada nos casos de pacientes com neoplasias, submetidos a radioterapias, com artirosclerose, impigens, sífilis, eczema, coceiras, cândida, psoríase, sarna, impedigo, lúpus, alergia, escrofulose, hemorragias, hemorróidas, varizes, úlceras varicosas, feridas, tumores, inflamação de pele e mucosas, reumatismo, artrite, bursites, hérnia, infecção diabética dentre vários outros usos (ALMEIDA, 1993; SANGUINETTI, 1989; TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ, 1998).

Segundo Dantas (2007), o uso da planta se faz na forma de decocto, gargarejo, maceratos, extrato fluido e como pó. A parte da planta utilizada é a casca.

Em altas doses esta planta apresenta ação tóxica (doses maiores que 100ml) e podem levar à perda de peso, anorexia, diarreia e tontura. Gestantes devem evitar o uso esta planta (DINIZ, 1998; TESKE; TRENTINI, 1995; SIMÕES 2000).

3.2.12 João Mole - *Pisonia tomentosa* Casar. (Família NYCTAGINACEAE)

A planta João Mole foi indicada pelos raizeiros por ser cicatrizante, utilizada na forma de pó feito da casca para por sobre a ferida.

Porém segundo a literatura consultada, João-mole distingue-se por conter-lhe a madeira um pó irritante da pele humana (MAGALHÃES E LIRA, 1954; FURLAN et al., 2008). Seu uso é indicado para garganta e reumatismo e deve ser utilizado como infusão da casca para gargarejo (ORTENCIO, 1997).

3.2.13 Juá - *Zizyphus joazeiro* Mart. (Família RHAMNACEAE)

O juá foi indicado pelos raizeiros para o tratamento de feridas e também de afecções pulmonares, tratamentos dentários e para anemia. Utilizado na forma de chá, a parte da planta utilizada é a casca.

O Juazeiro possui como princípios ativos a saponina triterpênica, triterpenóides, glicosídeos, sais minerais, anidrido fosfórico, óxido de cálcio, nitrogênio total, amido, Vitaminas B1, B2, B5 e C e triterpenes (COIMBRA, 1994; AGRA, 1996; DINIZ et al.; 1998; MATOS, 1998; LORENZI; MATOS, 2002).

A planta possui propriedades como tônico capilar, estomacal, hipotensor, cardiotônica, digestiva, desinfetante, dentifricia, detergente, antifebril, expectorante, antimicrobiana, antiúlcero-gênica, adstringente e diurética (AGRA, 1996, MATOS, 1989, DINIZ, 1998).

Seu uso está indicado nos casos de dispepsia, gastrite, colite, bronquite, gripe, tosse, útil em doenças de pele, indigestão, dispepsia, disenteria, ingurgitamento do fígado, clorose, diabetes, icterícia, epilepsia, blenorragia, infecções urogenitais, retenção de água no

organismo, dor de cabeça, tônico cardíaco, tônico capilar, combate aos piolhos e a caspa, limpa os dentes, evita cárie, remove placa microbiana e na gengivite. O decocto da casca pode ser usada contra febres intermitentes, contusões e ferimentos (MATOS, 1989; ALMEIDA, 1993; AGRA, 1996; DINIZ, 1996; MATOS, 1998).

Pode-se usar da planta em forma de decocto das cascas, infusão das folhas, extrato fluido, tintura e o pó da casca pode ser usado para escovar os dentes. As partes da planta utilizadas são a casca o fruto e as folhas. Deve-se ter cuidado com o seu uso pois a planta é abortiva e pode trazer risco à saúde por apresentar a ação hemolítica das saponinas (DANTAS, 2007).

3.2.14 Jucá - *Caesalpinia ferrea* Mart. Ex Tul (Família FABACEAE)

Esta planta foi indicada pelos raizeiros para o tratamento de feridas em diabéticos. Seu uso é através de lavagem da ferida e a parte da planta utilizada para a preparação é a casca.

O Jucá possui como princípios ativos o tanino, felandreno, sistoterol, ácido graxo (palmítico e octaeicozanóico), ácido gálico, ácido elágico, galato de etila, saponina, óleo essencial, alcalóide e flavonóides (VIEIRA, 1992; TESKE; TRENTINI, 1995; CORRÊA et al., 1998).

A planta possui ação antidiabética, antiinflamatória, cicatrizante, antiulceroso, fortificante, desobstruente, antidiarréico, hemostático, expectorante, hipoglicemiante, anti-helmíntico, analgésica, diurética, antibacteriana e anti-séptica (TESKE; TRENTINI, 1995; BOTSARIS, 1998; DINIZ, 1998).

Sendo também útil em febres, diarréia, enterocolite, doenças do fígado, contusões, feridas, tumores, cólicas intestinais, helmintos (ancilóstomos), diabetes (chá usado sem açúcar), inflamação dos olhos, hemorragias externas, afecções da garganta, afecções bronco-pulmonares, tosse, catarro, asma, coqueluche, úlceras, afecções cutâneas, bucais, edemas e hemorróidas (SANGUINETTI, 1989; BOTSARIS, 1998; CORRÊA et al., 1998).

A planta pode ser usada como lambedor, suco das folhas verdes, cataplasma das folhas machucadas, infusão e extrato fluido. As partes da planta a serem usadas são a casca, as raízes, a folha e o fruto (DANTAS, 2007). Deve-se ter precaução ao usar essa planta, pois em altas dosagens o ácido gálico pode exercer efeitos nefrotóxicos (DANTAS, 2007).

3.2.15 Jurema Preta - *Mimosa acutistipula* (Mart.) Benth. (Família FABACEAE)

Os raizeiros indicaram esta planta para o tratamento de feridas por ser anti-inflamatória. A planta é indicada para fazer lavagem do ferimento e a parte da planta utilizada para esse fim é a entrecasca.

A Jurema Preta possui alcalóides, tanino, estrifno, dimetilriptamina que está relacionada com a bufotenina e a serotonina (SCHVARTSMAN, 1992). A planta possui ação sedativa, narcótica, estupefaciente, hipnótico, antihistérica, afrodisíaca, antiespasmódica, febrífuga, hemostático, anti-anêmico, anticatarral, antidiarréico e adstringente (BRAGA, 1978; CONCEIÇÃO, 1980).

A planta é indicada nos casos de úlceras, cancro, furúnculos, erisipela, eczema, insônia, agitações nervosas e em casos de gonorréia (CONCEIÇÃO, 1980; ALMEIDA, 1993).

Sendo usada na forma de infusão, decocção, como tintura e como banho. A parte utilizada da planta deve ser a casca (DANTAS, 2007).

Deve-se ter cuidado com a utilização dessa planta pois ela possui efeitos alucinógenos provocando distúrbios da percepção, sensações visuais estranhas. Além de tudo a planta é abortiva (SCHVARTSMAN, 1992).

3.2.16 Quina-Quina - *Coutarea hexandra* (Jack) Schum (Família RUBIACEACE)

Além do tratamento de feridas a Quina-Quina também foi indicada pelos raizeiros para o tratamento de sinusite. Seu uso é indicado na forma de chá e a parte da planta utilizada é a casca.

A Quina-Quina, possui como princípios ativos óleos essenciais, alcalóides, quinina, quinidina, cunchonina, cinchonidina, quinotoxina, alcalóides indólicos, ácido caféico, quinino, sais minerais, exalato de cálcio, fitosterol, b-sitosterol, triterpeno, saponina, resina, tanino, cumarina e tetracetileno (ALMEIDA, 1993; TESKE; TRENTINI, 1995; DINIZ et al., 1998).

A planta possui ação como bronco dilatador, antitérmico, tônico capilar, antiinflamatório, antifúngico, antibacteriano, adstringente, anti-séptico, anticaspa, estomáquico, febrífugo, digestivo, antimalária, anti-helmíntico, anti-reumática e analgésico (MATOS, 1987; ALMEIDA, 1993; TESKE; TRENTINI, 1995, DINIZ, 1998).

Seu uso é indicado nos casos de tosse, bronquite, febre, dores, ferida do útero, ação relaxante bronquiolar, em casos de edemas, placenta retida, limpeza uterina, tumores,

fibroma, febres intermitentes, febres da malária e má digestão (ALMEIDA, 1993; DINIZ, 1998).

Segundo Dantas (2007) seu uso é feito na forma de infuso de folhas, decocto de cascas ou como inalação. As partes da planta utilizada são a folha e a casca do caule. Não se pode fazer uso dessa planta em gestantes, pois ela é abortiva.

3.2.17 Quixabeira - *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn. (Família SAPOTACEAE)

Os raizeiros entrevistados indicaram a quixaba para o tratamento de feridas por ela ser anti-inflamatória, anti-infecciosa e por ser analgésica combatendo a dor. Além dos tratamentos das feridas a quixaba também foi indicada para verminose.

A indicação de uso da quixaba foi feita por esses profissionais na forma de chá, como tintura, como garrafada e para lavagem do ferimento. As partes da planta recomendadas para os usos citados acima foram a raiz e a casca.

As literaturas consultadas revelam que a quixabeira possui como princípios ativos tanino, saponinas, ácido básico, ácido triterpênico, óleo, essência, taraxerona, taraxerol, alfa-espinaesterol, eritrodiool e ácido 2,3,23-trihidroxioleico-5-dieno-28-oico ou ácido bássicol. Possui ação antidiabética, antiulcerogênica, antiinflamatória, antitraumática, tônica, adstringente, hipoglicemiante e cicatrizante. Sua indicação se dá nos quadros de catarro e ferida no ovário e útero, hematúria, diabetes, combate triglicerídeos, é antiinflamatório, age em pancadas, quedas, contusões, ferimentos, traumatismos, luxações, infecções intestinais, das vias urinárias, da uretra, útero, testículos e próstata, restabelece a energia orgânica (ALMEIDA, 1993; DINIZ 1998).

De acordo com Dantas (2007), o uso adequado da planta se dá na forma de macerado na água, decocto, tintura, extrato e cozimento. As partes da planta indicada para uso são as cascas do caule. Mulheres grávidas não devem fazer uso dessa planta pois pode provocar aborto. Seu uso por tempo prolongado causa hipoglicemia.

3.2.18 Romã - *Punica Granatum* L (Família LYTHRACEAE)

A romã foi indicada pelos raizeiros como anti-inflamatório e anti-infeccioso no tratamento de feridas. Também foi indicada para o tratamento de garganta, catarata e câncer. Seu uso é indicado na forma de chá, tintura, para lavagem e como garrafada. As partes da planta utilizadas são a casca e a semente.

Este fitoterápico possui como princípios ativos o tanino, cianidina-3-glucosídeo, delphinidina-3-glicosídeo, ácido icotânico, resina, açúcar, antocianina, ácido cítrico, ácido málico, ácido granadotânico, ácido punílico, manita, valina, metionina, proteína, carboidrato, cálcio, fósforo, ferro, sódio, potássio, tiamina, granadina, riboflavina, niacina, β -caroteno, vitamina C, punicina, pectina, ácido tartárico, alcalóides, isoletierina, pelietierina, pseudopeletierina, metilpeletierina, amido e 2-piperidil-2-propanona (CORRÊA, et al., 1998; DINIZ et al., 1998; BALBACH, s/d).

A romã possui ação digestiva, antiemética, antiinflamatória, antidiarréico, vermífugo, anti-helmíntico, eupéptico, hiperglicemiante, antimicrobiano, anti-séptico, antiviral, antitérmica e adstringente (CORRÊA, et al., 1998; DINIZ et al., 1998; BALBACH, s/d).

Seu uso está indicado nos casos de inflamação de garganta, faringite, amigdalite, hipertrofia de tonsilas, rouquidão, laringite, feridas, feridas de boca, gengivite, sapinhos de recém nascidos, hipertensão arterial, reumatismo, hemorragias, queimadura, problemas estomacais, útil nos tratamentos de tumores de sarcoma e carcinoma de Ehrlich, para expulsar vermes dentre muitos outros usos (CORRÊA, et al., 1998; DINIZ et al., 1998; BALBACH, s/d; LORENZI; MATOS, 2002).

O uso desta planta é feita na forma de macerado com água, extrato fluido, infuso, decoção, decocto, para vista espreme-se in-natura o suco do arilo das sementes e pode-se ainda mascar pedaços da casca do fruto (máximo de 10 pedaços por dia). As partes da planta que podem ser utilizadas são raiz, casca, folhas, arilo da semente, polpa e casca das romãs (DANTAS, 2007).

Deve-se evitar o uso da romã em gestantes por possuir alcalóides tóxicos, bem como em pessoas com hiperglicemia e anemias. Em doses elevadas podem ainda provocar cólicas, vômitos e diarréias (DINIZ, 1998). A romã possui em sua composição a niacina, que é um princípio ativo que pode provocar alergias. Portanto, ao sinal de qualquer reação alergia o seu uso deve ser interrompido (DANTAS, 2007).

O quadro a seguir trás um resumo dos resultados e discussões para melhor entendimento da análise anterior.

4 CONCLUSÃO

Com esse trabalho foi possível constatar que a variedade de plantas medicinais comercializadas pelos raizeiros para o tratamento de feridas é extensa na cidade de Campina Grande - PB.

Foram citadas nas entrevistas um total de 18 espécies para o tratamento de feridas, entretanto, as espécies *Pisonia tomentosa* Casar. (João Mole), *Amburana cearensis* (Fr. All.) A. Smith (Cumarú), *Rhamnus purshianus* DC (Cascara Sagrada), *Mimosa acutistipula* (Mart.) Benth. (Jurema Preta) e *Zizyphus joazeiro* Mart. (Juá) não possuem indicação na literatura científica consultada para o tratamento de feridas como foi indicado pelos raizeiros. Possibilitando assim, fontes de estudos que corroborem tal ação.

Dentre as plantas mais citadas estão o *Anacardium occidentale* L. (Cajueiro Roxo), o *Stryphnodendron barbatiman* Mart. (Barbatimão) e *Sideroxylon obtusifolium* (Roem. & Schult.) T. D. Penn. (Quixabeira), respectivamente. Segundo a literatura consultada as plantas identificadas como Babosa e Quina-Quina devem ser utilizadas para tipos específicos de ferimentos, queimaduras e feridas tumorais respectivamente.

Todos os raizeiros entrevistados afirmaram não ter conhecimento sobre efeitos indesejáveis ou adversos das plantas, enquanto que várias das plantas citadas podem ter efeitos tóxicos e até provocar a morte se usadas incorretamente.

Conclui-se então que apesar da busca do conhecimento popular de plantas medicinais para o tratamento de feridas ser uma prática bastante comum, deve-se compreender que este conhecimento necessita de um maior aprofundamento.

SUGESTÕES

Assim, se faz necessário, a reciclagem do conhecimento e cadastro desses profissionais pelos órgãos competentes, visando garantir uma atenção primária de qualidade e minimizando riscos. Também se faz necessário que mais estudos sejam realizados para catalogar o saber popular e posteriormente realizarem-se ensaios que corroborem a sua possível eficácia.

Sugere-se com esse trabalho que os profissionais farmacêuticos nas universidades criem programas (Iniciação científica, projetos de extensão) para proporcionar a complementação do conhecimento desses profissionais, bem como a interação dos alunos com os raizeiros proporcionando um aprendizado de dupla via.

REFERÊNCIAS

- AGRA, M. F. **Plantas da medicina popular dos cariris velhos**. João Pessoa: União, 1996.
- AGRA, M.F.; SILVA, K.N.; BASÍLIO, I.J.L.D.; FRANÇA, P.F.; BARBOSA-FILHO, J.M. **Survey of medicinal plants used in the region Northeast of Brazil**. Rev. bras. farmacogn. vol.18 no.3 João Pessoa July/Sept. 2008.
- ALMEIDA, E.R. **Plantas medicinais brasileiras: conhecimentos populares e científicos**. São Paulo: Hemus, 1993.
- ALONSO, J. R. **Tratado de fitomedicina: bases clínicas y farmacológicas**. Buenos Aires: Isis, 1998.
- APG III, “**An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG III**,” Botanical Journal of the Linnean Society, vol. 161, pp. 105–121, 2009.
- ARAÚJO, M. G. **Atividade antioxidante da espécie *Schinus terebinthifolius Raddi* (Aroeira-da-praia)**. In: Reunião Nordestina de Botânica, 1996. Caderno de resumos. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1996.
- BALBACH, A. **A flora nacional na medicina doméstica**. 5 ed. São Paulo: A edificação do lar, [s/d].
- BANDEIRA, M. A. et al. **Identificação de chalconas diméricas nos rotos e renovos de aroeira-do-sertão (*Myracrodruom urundeuva* Allemão)**. Anais do Simpósio de plantas medicinais do Brasil. Recife: UFPE, 2000.
- BOTSARIS, A. S. **As fórmulas mágicas das plantas**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1998.
- BRAGA, R. **Plantas do nordeste especialmente do Ceará**. 3^a ed. Fortaleza: Mossoroense, 1978.
- BRASIL. **Decreto no. 5813**, de 22 de junho de 2006. Aprova a Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos e dá outras providências. 2006b.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Série B. Textos Básicos de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 92 p. 2006a.
- CÁSCARA SAGRADA. Disponível em: <<http://www.cascarasagrada.com.br/>>. Acesso em: Janeiro de 2013.
- CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R. M.; PILLON, C. N. **Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS**. Rev Esc Enferm USP; 45(1):47-54 São Paulo, 2011.
- COIMBRA, R. **Manual de fitoterapia**. 2^a ed. Belém: CEJUP, 1994.

CONCEIÇÃO, M. **As plantas medicinais do ano 2000**. Brasília, TAO, 1980.

CORRÊA, A. D.; BATISTA, R. S.; QUINTAS, L. E. M. **Plantas medicinais do cultivo à terapêutica**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DANTAS, I. C. **O Raizeiro**. Campina Grande. 22 ed, Campina Grande - PB: EDUEPB, 2007.

DANTAS, I. C.; GUIMARÃES, F. R. **Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, PB**. Revista de Biologia e Ciências da Terra. Vol 6 - Nº. 1 Campina Grande, 2006.

DINIZ, M. F. F. et al. **Memento fitoterápico**. João Pessoa: Universitária, 1998.

ERVA e Saúde. Rio de Janeiro: Escala, 1999.

FONSECA, Z. A. **Plantas Mediciniais**. Disponível em: <<http://www.plantamed.com.br/>>. Acesso em: 10 Jan. 2013.

FURLAN, A.; UDULUTSCH, R. G.; DIAS, P. **Flora da Serra do Cipó, Minas Gerais: Nyctaginaceae**. Bol. Bot. Univ. São Paulo vol.26 no.1 São Paulo 2008.

HOEHNE, F. C. **Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais**. 2 ed. São Paulo: DBE, 1978.

JESUS, N.Z.T.; LIMA, J.C.S; SILVA, R.M.; ESPINOSA, M.M.; MARTINS, D.T.O. **Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil**. Brasil. Rev Bras Farmacogn, Curitiba, v. n. Mês, p.2009.

LEITÃO, F.; FONSECA-KRUEL, V.S.; SILVA, I.M.; REINERT, F. **Urban ethnobotany in Petrópolis and Nova Friburgo (Rio de Janeiro, Brazil)**. Rev Bras Farmacogn, Curitiba, v. n., 2009.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Nova Odessa/Editora Plantarum, 2002.

MACIEL, M.A.M.; PINTO, A.C.; VEIGA JÚNIOR, V.E.; GRYNBERG, N.F.; ECHEVARRIA, A. **Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares**. Química Nova, 2002.

MAGALHÃES, B.; LIRA, M. **Estudos de folclore luso-brasileiro**. Rio de Janeiro, Gráfica Laemmert, 1954.

MANDELBAUM, D. S.; MANDELBAUM. **Cicatrização: conceitos atuais e recursos auxiliares - Parte I**. An bras Dermatol, Rio de Janeiro, 78(4):393-410, jul./ago. 2003.

MARLIÉRE, L.D.P.; RIBEIRO, A.Q.; BRANDÃO, M.G.L.; KLEIN, C.H.; ACURCIO, F.A. **Utilização de fitoterápicos por idosos: resultados de um inquérito domiciliar em Belo Horizonte (MG), Brasil**. Rev Bras Farmacogn, Curitiba, v., n., 2008.

MARTINS, E. R. et al. **Plantas Medicinais**. 5 Reimp. Viçosa, UFV, 2003.

MARTINS, J. E. C. **Plantas medicinais de uso na Amazônia**. 2 ed. Belém: CEJUP, 1989.

MATOS, F. J. A. **Farmácias vivas**. 3 ed. Fortaleza: EUFC, 1998.

MATOS, J. M. D. **As plantas que curam também podem matar**. Fortaleza: imprensa universitária, 1987.

MELLO, J. R. B.; MELLO, F. B.; LANGELOH, A. **Toxicidade Pré-Clínica de Fitoterápico Contendo Aloe ferox, Quassia amara, Cynara scolymus, Gentiana lutea, Peumus boldus, Rhamnus purshiana, Solanum paniculatum e Valeriana officinalis**. Lat. Am. J. Pharm, local, v. 28, n. 1, p. 183-91, 2009.

OLIVEIRA, G. P.; LIMA, S. G.; OLIVEIRA, E. B.; ALMEIDA, I. R.; SOUZA FILHO, M. D. MARTINS, M. C. C. **Avaliação do efeito cicatrizante do óleo essencial de Copaifera sp**. Revista de enfermagem da ufpi, 2011.

ORTENCIO, W. B. **Medicina Popular do Centro Oeste**. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 1997.

PANIZZA, S. **Plantas que curam**. São Paulo: IBRASA, 1997.

PINTO, A. C. et al. **Separation of Acid Diterpenes of *Copaifera cearensis* Huber ex Ducke by Flash Chromatography Using Potassium Hydroxide Impregnated Silica Gel**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-50532000000400005&script=sci_arttext>. Acessado em: 12 jan. 2013.

PORTALOE. Disponível em: <<http://www.portaloe.com/blog/2007/09/04/acemannam-um-dos-principios-ativos-da-aloe-vera/>>. Acesso em: 13 Jan. 2013.

SANGUINETTI, E. E. **Plantas que curam**. 2. ed. Porto Alegre: Rígel, 1989.

SANGUINETTI, E.E. **A cura astral pelas plantas**. Porto Alegre: Sagra/DC Luzatto, 1996.

SANTOS, E. B.; DANTAS, G.S.; SANTOS, H.B.; DINIZ, M.F.F.M.; SAMPAIO, F.C. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil**. Rev Bras Farmacogn, Curitiba, v., n., mês, p. 2009.

SANTOS, M. R. A.; LIMA, M. R. **Levantamento dos recursos vegetais utilizados como fitoterápicos no município de Cujubim, Rondônia, Brasil**. Saber Científico, Porto Velho, 2008.

SCHVARTSMAN, S. **Plantas venenosas e animais peçonhentos**. 2 ed. São Paulo: Sarvier, 1992.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia da planta ao medicamento**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. Da UFSC, 2000.

SOUSA, F.C.F.; MELO, C.T.V.; CITÓ, M.C.O.; FÉLIX, F.H.C.; VASCONCELOS, S.M.M.; FONTELES, M.M.F.; BARBOSA-FILHO, J.M.; VIANA, G.S.B. **Plantas medicinais e seus constituintes bioativos: Uma revisão da bioatividade e potenciais benefícios nos distúrbios da ansiedade em modelos animais.** Rev Bras Farmacogn. 18(4): 642-654, Out./Dez. 2008.

TESKE, M.; TRENTINI, A. M. **Herbarium:** compêndio de fitoterapia. 2 ed. Curitiba: Herbarium Laboratório Botânico, 1995.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L. **Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática Terapêutica.** Texto Contexto Enferm; 15(1): 115-21 Florianópolis, 2006.

TRESVENZOL, L. M. et al. **Estudo sobre o comércio informal de plantas medicinais em Goiânia e cidades vizinhas.** Revista Eletrônica de Farmácia. v. 3, n. 1, p. 23-28, 2006.

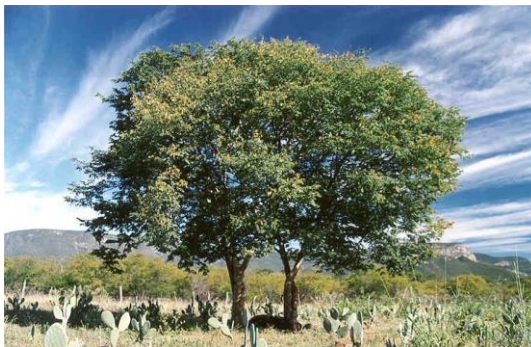
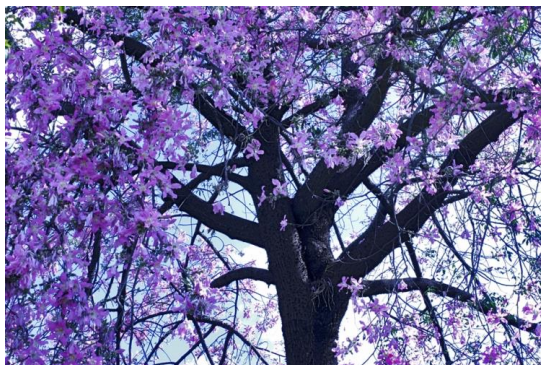
VEIGA-JUNIOR, V.F. **Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população.** Rev Bras Farmacogn. 18(2): 308-313, Abr./Jun. 2008.

VIEIRA, L. S. **Fitoterapia da Amazônia.** 2 ed. São Paulo: Ed. Agronômica Ceres, 1992.

ANEXOS

ANEXO A: ILUSTRAÇÃO DAS PLANTAS CITADAS NO TRABALHO**Ameixeira****Aroeira****Babosa****Barbatimão****Cajueiro Roxo****Cáscara Sagrada**

Fonte: Todas as imagens foram retiradas do google imagens disponíveis em: <http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi>. Acesso em: Junho de 2013.

ANEXO B: ILUSTRAÇÃO DAS PLANTAS CITADAS NO TRABALHO**Confrei****Copaíba****Cumarú****Favela****Ipê Roxo****João Mole**

Fonte: Todas as imagens foram retiradas do google imagens disponíveis em: <http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi>. Acesso em: Junho de 2013.

ANEXO C: ILUSTRAÇÃO DAS PLANTAS CITADAS NO TRABALHO**Juá****Jucá****Jurema Preta****Quina-Quina****Quixabeira****Romã**

Fonte: Todas as imagens foram retiradas do google imagens disponíveis em: <http://www.google.com.br/imghp?hl=pt-BR&tab=wi>. Acesso em: Junho de 2013.

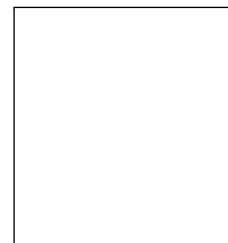
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____, concordo em participar da pesquisa: O conhecimento sobre fitoterápicos no tratamento de feridas sob a responsabilidade do pesquisador Thúlio Antunes de Arruda.

Todavia, meu consentimento em participar da pesquisa se deu após ter sido informado pelo pesquisador, de que:

1. A pesquisa se justifica por que busca propiciar o conhecimento sobre a oferta de práticas alternativas para o tratamento de feridas;
2. O objetivo dessa pesquisa é Avaliar o conhecimento dos raizeiros sobre plantas medicinais indicadas para o tratamento de feridas em Campina Grande/PB;
3. Os dados serão coletados através de entrevistas mediante a utilização de um questionário;
4. Autorizo a gravação da minha fala durante a entrevista e utilização do conteúdo dessas para análise e divulgação de resultados;
5. Minha participação é voluntária, podendo me retirar do estudo, se assim desejar, em qualquer momento durante a realização das entrevistas, sem nenhum dano ou prejuízo pessoal ou profissional;
6. Será assegurado o meu anonimato quando a divulgação dos resultados da pesquisa e resguardado o sigilo de dados confidenciais;
7. Caso sinta necessidade de contatar o pesquisador durante e/ou após a coleta dos dados poderei fazê-lo pelo telefone (83) 87390376;
8. No final da pesquisa, se for do meu interesse, terei acesso à pesquisa, podendo discutir os dados, com o pesquisador;
9. Após a minha leitura e/ou leitura do pesquisador ou aluno participante da pesquisa acerca desta pesquisa, assinarei duas vias deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo que uma via será minha e a outra via ficará com o pesquisador.

Campina Grande _____ de _____ de 2012



APÊNDICE B - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**PESQUISA: O CONHECIMENTO SOBRE FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO DE FERIDAS**

Eu, THÚLIO ANTUNES DE ARRUDA, FARMACÊUTICO, professor do departamento de Farmácia da Universidade Estadual da Paraíba, comprometo-me a cumprir integralmente os itens da Resolução 196/96 do CNS, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Estou ciente das penalidades que poderei sofrer caso infrinja qualquer um dos itens da referida resolução.

Por ser verdade, assino o presente compromisso.

THÚLIO ANTUNES DE ARRUDA

Campina Grande, ___/___/___

APÊNDICE C - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

**O CONHECIMENTO SOBRE FITOTERÁPICOS NO TRATAMENTO DE FERIDAS
ORIENTADOR: THÚLIO ANTUNES DE ARRUDA**

QUESTIONÁRIO ETNOFARMACOLÓGICO - DERMATOLÓGICO

1. Nome do Raizeiro:	2. Idade:	3. Sexo: () F () M	4. Estado/Cidade: () Zona Urbana () Zona Rural
5. Há quanto tempo você atua como herbolário? () Menos de 1 ano () 1 ano () 2 anos () 3 a 4 anos () Mais de 5 anos		6. Como você adquire as ervas que comercializa? () Produção própria, a) Na roça (terra) b) Em vasos () Compra, a) Sempre o mesmo b) Ao acaso () Na natureza () Outro _____	
7. De onde vem o conhecimento de uso de plantas medicinais? () Tradicional familiar. () Outros: _____ () TV, radio, revista. () Médicos, rezadeiras, biólogos, professores, etc). () Cursos, a) Comunidade (Paróquia, etc) b) Universidade c) Escola			
8. Quais as indicações corriqueiras? () Cardiopatia () Diabetes – Tipo I () II () () Varizes () Tumor () Feridas/ Pele Outros _____		() Hepatopatia () Renal () Pulmao () Malária () Febre amarela () Hanseníase	() Tuberculose () Leishmaniose () Verminose () Gripe () Gastrite () Anemia
09. Planta(s) utilizada(s) para as feridas: nome comum, relação doença/planta. 12.1; 1 12.2 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____ 6. _____ 7. _____	09.1 A parte da planta utilizada: 1. Raiz 2. Entre-casca 3. Fruto 4. Casca 5. Resina 6. Semente 7. Folha 8. Óleo 9. Flor 10. Planta 11. Bulbo 12. Látex 13. Caule 14. Broto 15. Inteira 16. Outros: _____	09.2 Como são feitas as preparações? A. Chá B. Compressa C. Inalação D. Lavagem E. Tintura F. Banho G. Emplasto H. gargarejo I. Azeite J. Sumo K. Suco L. Ungüento M. Maceração N. Xarope O. Outros: _____	
10. Usa mais de uma planta por vez? () SIM () NÃO. Quais: _____ _____ _____	11. Como prepara as plantas comercializadas? () Compra pronta () Garrafadas () Álcool comum () Álcool de cereais () Cachaça () Vinho () Outro _____ Quantidade de planta/ liquido _____		

12. Prepara cremes em casa? () Sim () Não <input type="checkbox"/> Banha de Porco <input type="checkbox"/> Banha vegetal <input type="checkbox"/> Mel <input type="checkbox"/> Açúcar <input type="checkbox"/> Outros _____	12.1. Como? _____
13. Os resultados, são os esperados? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> NÃO Por que: _____	14. Quanto tempo de uso? _____
15. Você conhece algum efeito “ruim” provocado pela planta medicinal que aconselha? <input type="checkbox"/> SIM <input type="checkbox"/> Não	16. Alguém já falou de um efeito ruim com as planta? Se sim. Qual? _____
17. Como você as guarda em casa? <input type="checkbox"/> Saco de Papel <input type="checkbox"/> Saco de Plástico <input type="checkbox"/> Potes <input type="checkbox"/> No chão <input type="checkbox"/> Estantes <input type="checkbox"/> Outros _____	

Agradecemos a sua colaboração, nosso intuito é levantar informações junto a comunidade participativa da pesquisa. **Na questão 13**, usar os itens 13.1 e 13.2 para ajudar no preenchimento, escrevendo no espaço de cada planta, a parte